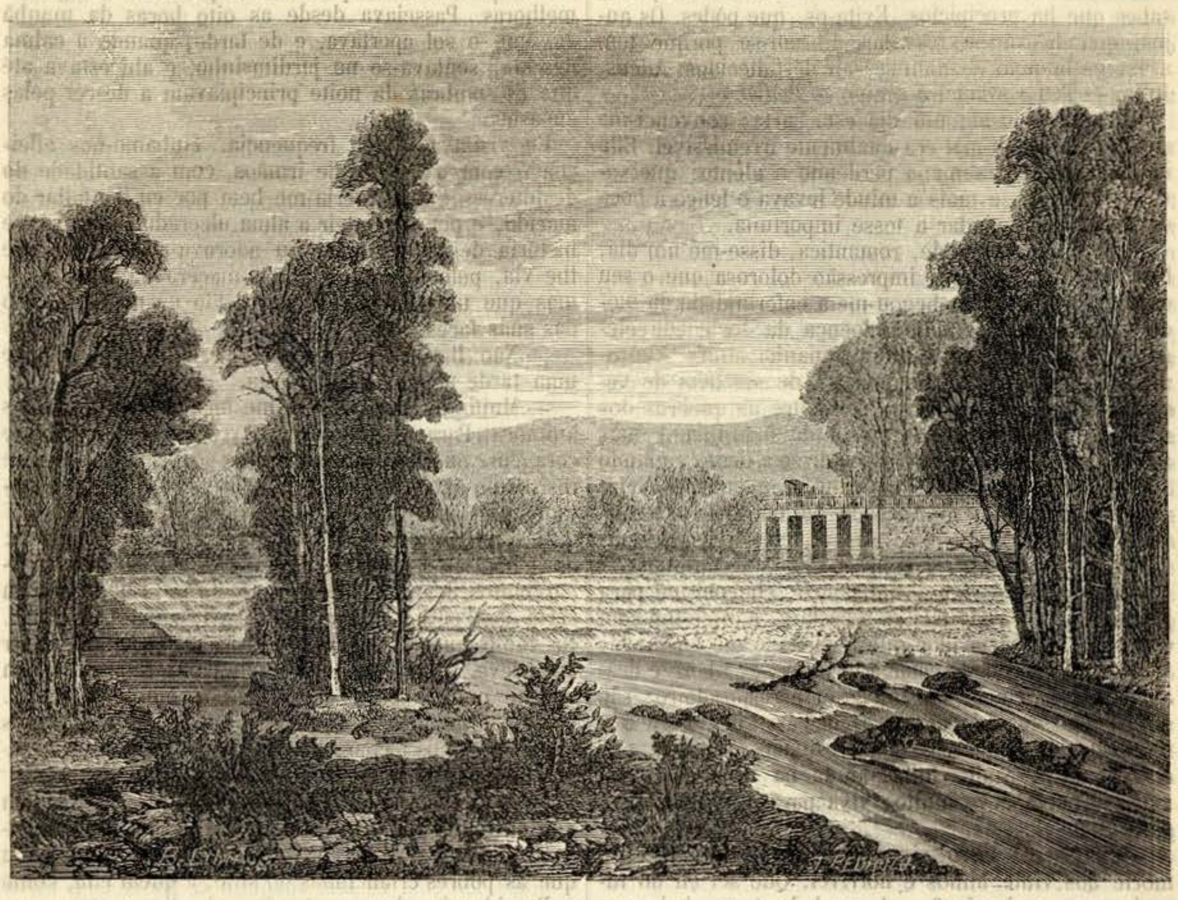


Açude da fabrica de fiação em Thomar

Este magnifico estabelecimento fabril, um dos mais importantes do paiz pela grandeza do edificio e pela força do motor hydraulico, deve a sua existencia a um dos estrangeiros mais industriosos, mais intelligentes e activos que tem vivido entre nós. Esse individuo, francez pelo nascimento, mas portuguez pelo amor que consagrou a esta terra, pelo impulso que deu á sua industria, ainda por outros beneficios que lhe fez, e, finalmente, por acto solemne de naturalisação, esse individuo, dizemos, era Jacome Ratton, nome illustre, que vemos associado, durante a segunda metade do seculo passado, a importantes emprezas agricolas, fabris, commerciaes e litterarias.

No seu constante empenho de promover todo o genero de melhoramentos publicos, cuja realisação lhe parecia exequivel, um dia dos fins do anno de 1788, conversando com o marquez de Ponte de Lima, ministro da rainha D. Maria I, e presidente do real erario, a respeito de uma fabrica de meias de estambre que havia em Thomar, Jacome Ratton expoz ao marquez a importancia d'aquelle logar para um grande estabelecimento industrial. Um rio como o Nabão, abundante de agua em todos os mezes do anno; a situação de Thomar, n'aquelle tempo, sobre a principal estrada que punha em communicação as provincias do norte com a capital do reino, eram condições, a seu ver, que promettiam prosperidade a uma grande fabrica de fiação.

Ratton convenceu o ministro da reciproca utilidade que d'ahi haviam de colher o paiz e o emprezario, e procurando destruir a objecção que o marquez lhe oppunha de falta de pessoa idonea para dirigir o estabelecimento, encarregou-se de a apresentar, e assim acabou de resolver o ministro a tentar aquella empreza por conta do estado. O marquez prometteu levar o negocio ao conhecimento e decisão da soberana.

Não se passaram muitos dias sem que o marquez de Ponte de Lima désse a resposta mais satisfactoria que se podia desejar. A rainha approvára o plano da empreza, promptificava-se a concorrer com os meios necessarios para a construcção do edificio e fundação da fabrica, responsabilisando-se Jacome Ratton pela boa organisação e direcção do estabelecimento.

Este homem, verdadeiro enthusiasta do progresso, não quiz ouvir mais nada, confiou nas palavras do ministro, e tratou immediatamente de mandar vir pessoa com conhecimentos praticos para dirigir a projectada fabrica. Veiu, com effeito, para esse fim o mestre Francisco Whelhouse, que debalde esperou em Lisboa que o governo mandasse começar as obras.

Vendo Ratton a inacção ministerial, não poupou esforços para excitar o governo a cumprir a sua promessa, até que em fim, desenganado de que não conseguia coisa alguma, foi ter com Timotheo Lecussan Verdier, outro estrangeiro domiciliado em Lisboa, não menos intelligente e dotado de mui variada instrucção, e propoz-lhe tomarem ambos a si a empreza da fundação da fabrica, ficando a administração d'ella a cargo de Verdier.

Acceita a proposta, levaram-n'a os dois socios ao conhecimento do governo, pedindo, como auxilio para a realisação d'ella, privilegio exclusivo, por vinte annos, de materias primas, e manufacturas isentas de direitos, e, além d'isso, a faculdade de poderem expropriar os terrenos de que carecessem para o esta-

belecimento da dita fabrica, pagando-os com um quinto mais sobre a avaliação judicial. Accedeu o governo a todas estas condições, correndo já o anno de 1789, depois do que partiu Jacome Ratton para Thomar em companhia do futuro mestre da fabrica.

Trataram logo de escolher o sitio adequado; compraram os terrenos necessarios; estabeleceram um forno de cal para fornecimento das obras; abriu-se um canal para trazer junto d'ellas as aguas do Nabão, e construiu-se um grande açude para encaminhar as mesmas aguas para o canal, a fim de servirem de motor ás machinas e de conservarem o dito canal durante todo o anno em estado de ser navegavel. Porém, ainda os trabalhos do açude não estavam concluidos, sobreveiu uma cheia tão violenta, que em poucas horas destruiu quasi tudo quanto se havia construido.

Este contratempo atrazou muito a construcção dos edificios da fabrica, mas deu em resultado proceder-se a trabalhos em mais vasta escala e dirigidos com mais solidez e melhor methodo, ficando uma obra hydraulica verdadeiramente grandiosa. As honras d'esta construcção couberam inteiramente a Verdier. Foi este quem delineou e dirigiu o novo açude, representado em a nossa gravura, e cujo excellente estado de conservação, não obstante o impeto das cheias durante o longo espaço de 76 annos, em que tem havido invernos rigorosissimos em chuvas, attesta a perfeição da obra.

Progrediram os trabalhos da edificação da fabrica até 1794. Não se concluiu o edificio conforme o plano traçado, mas ainda assim a parte acabada ficou com capacidade para um grande estabelecimento industrial.

Esperando ter outra occasião opportuna para proseguirmos na historia da fundação da fabrica e das vicissitudes por que tem passado até ao presente, limitar-nos-hemos agora a dar uma idéa aos nossos leitores da situação d'este estabelecimento e da do canal e açude.

Acha-se edificada a fabrica em meio de uma risonha planicie do formosissimo valle por onde corre o Nabão. A pouca distancia está a cidade de Thomar, banhada pelo mesmo rio, e sentada aos pés do velho castello de Gualdim Paes e do venerando e rico templo da ordem dos cavalleiros de Christo.

Passa o Nabão um pouco arredado da fabrica, que se ergue na sua margem esquerda, deixando de permeio hortas, pomares e outros terrenos arborisados pertencentes á linda casa de habitação do administrador da fabrica, construida segundo o gosto inglez. É uma vivenda deliciosa pelos commodos que offerece a casa, pelas vistas pittorescas que d'ella se desfructam, pelos arvoredos das alamedas que a acompanham, e, em fim, pela amenidade e frescura do sitio. D'esta casa e de todos os mais edificios foi architecto o dito Verdier, posto que exercesse a arte por simples curiosidade.

O açude dista da fabrica mais de um kilometro. Tem de comprimento 110^m, e é formado por uma grossa muralha, que mede de espessura na parte superior 1^m,64, e na base quasi 11^m. Compõe-se de nove altos degraus de cantaria a muralha por onde se precipita a agua nas occasiões de enchente, formando uma extensa e vistosissima cascata. Grossas paredes em esquadria ligam esta muralha com a da margem direita, e na margem esquerda servem-lhe de supporte os muros do canal. Cinco adufas, que se abrem em uma parede de bastante espessura, as quaes se vêem na gravura junta, dão saída ás aguas do açude para o canal.

Tem o canal de comprimento 1:141^m, e de largura 6^m,18, termo médio, pois que apresenta algumas variações. Diversas comportas em ambos os lados do canal facilitam a rega da varzea que atravessa, e o esgoto das terras na estação invernosa. Ao partir do açude o canal torneia uma collina em quasi metade da sua extensão, depois corre direito a um tanque mui vasto, que está contiguo á fabrica. Tem este magnifico tanque de comprimento 112^m, de largura 13^m,50, e de superficie 1:302^m quadrados, contendo 835:200 litros de agua.

D'este tanque sae a agua para a fabrica e para uma azenha, que está junto d'aquella, e na qual faz mover oito pedras. Finalmente, um canal de esgoto, de 330^m de comprimento e 7^m,50 de largura, leva ao Nabão as aguas que este mesmo rio forneceu para os diversos serviços da fabrica e da azenha.

Imagine-se qual será a belleza d'aquelles quadros naturaes, sendo orlados de corpulento e frondoso arvoredo o açude e as duas margens do rio, e estendendo-se junto de ambos um espesso choupal, que encerra mais de sete mil arvores. É um passeio encantador, quer se caminhe a pé pela borda do canal e em volta do açude, quer se navegue no bote que o administrador da fabrica alli tem para seu serviço.

A gravura que publicámos é cópia de um desenho original do sr. Barbosa Lima.

I. de Vilhena Barbosa.

JOSÉ DE ALENCAR

(Conclusão. Vid. pag. 214)

II

Proseguindo a tarefa encetada, daremos aqui a resenha de todas as producções publicadas do sr. dr. Alencar, que vieram até agora ao nosso conhecimento, e das quaes lográmos ver exemplares, devidos á diligencia sempre efficaz dos nossos dedicados e prestantissimos amigos, os srs. Joaquim & Manuel da Silva Mello Guimarães, não menos que á generosa benevolencia com que nos distingue o sr. B. L. Garnier, do Rio de Janeiro. Este intelligente e abastado livreiro-editor, a quem as letras no Brasil são já devedoras de relevantes serviços, empregando grosso cabedal nas multiplicadas e dispendiosas edições que tem feito de conta propria, das obras de bons escriptores brasileiros e portuguezes, executadas a flux, com primor e nitidez inexcediveis, taes como a *Biblia sagrada*, do padre Antonio Pereira, em dois tomos de grande formato, illustrados de bellas gravuras; a *Historia do Brasil*, de Southey, traduzida e annotada em seis volumes; a collecção das *Obras* do distincto poeta fluminense Domingos José Gonçalves de Magalhães, em oito ditos; a *Historia da fundação do imperio do Brasil*, pelo sr. João Manuel Pereira da Silva, ainda não terminada, mas de que ha já impressos seis tomos; a *Livraria classica portugueza*, dos srs. Castilhos, tambem em via de publicação, afóra algumas dezenas de outras obras, mais ou menos importantes, de que poderiamos tecer longo catalogo, sem poupar-se a fadiga e despezas para bem servir o publico, emprehendeu egualmente a reimpressão de quasi todas as obras do sr. Alencar, cujas primeiras edições se achavam exhaustas, conseguindo que o auctor as revisse e retocasse.

1. *O Guarany, romance original*. Publicado pela primeira vez no anno de 1857, em quatro tominhos de 8.º menor (tiragem feita á parte da que saíra nas columnas do *Diario do Rio*), foi reimpresso em *segunda edição revista pelo auctor*, a expensas do sr. Garnier, em Paris (1865?), e fórma actualmente dois bellos e elegantes volumes de 8.º grande.

Este romance, que desde o seu apparecimento obteve conspicua acceitação no mundo litterario, é um quadro animado e sobremaneira interessante dos costumes, das superstições indigenas, e das luctas re-

nhidas e interminaveis entre a raça conquistadora e a conquistada. A scena passa-se nos derradeiros annos do seculo XVI, nas margens do Paquequer, um dos affluentes do Parahyba, não coberto, como agora, de ricas plantações de café, mas correndo por entre mattas ainda virgens, por uma d'essas florestas americanas em que a vegetação copiosa parecia desafiar os esforços da colonisação. Alguns puristas desejariam que o illustre escriptor se mostrasse mais sobrio em sua narrativa, e mais cuidadoso do estilo, evitando a monotonia que ás vezes resulta da reproducção de imagens e situações analogas; porém todos concordam em que na parte descriptiva emparelha com os melhores. A dedicação de Pery, o *guarany* (isto é, o indigena brasileiro), attinge por vezes as raias do sublime; e o desenlace do romance é terrivel e sentimental. — Ha d'elle uma traducção italiana, impressa de pouco tempo; e o sr. dr. Antonio Scalvini formou d'ella um *libretto* para opera, que o sr. A. Carlos Gomes, applaudido compositor brasileiro, achando-se em Milão, já no anno corrente, se propunha converter em musica. Ignorâmos, comtudo, se esse intento se realisou.

II. *Cinco minutos — A viuvinha.* Estes dois pequenos e agradaveis romances da actualidade appareceram primeiro em 1858 nos folhetins do *Diario do Rio*, ficando o segundo incompleto quando o auctor deixou aquella redacção. Correm agora reunidos ambos pelo sr. Garnier em um volume de 8.°, Paris, 1865. Gozam no Brasil de grande popularidade.

III. *Luciola, um perfil de mulher, publicado por G. M.* A primeira edição d'este romance foi dada á luz no Rio, typographia de Frederico Arfvedson, 1862, em 8.° — Não a vimos. Da *segunda revista pelo auctor*, e publicada sob as mesmas iniciaes, é editor o sr. Garnier, e foi impressa em Paris, 1865, em um volume de 8.°

IV. *Diva, perfil de mulher, publicado por G. M.* Impresso no Rio, typographia de D. L. dos Santos, 1864. Editor o sr. Garnier.

Eis o que, dando-nos noticia d'esta e da primeira edição do antecedente romance, nos escrevia do Rio um nosso erudito amigo:

«Apesar do impenetravel sigillo que envolveu a publicação da *Luciola*, a opinião dos que a podem ter no assumpto indigitou logo o auctor dos *Cinco minutos* e da *Viuvinha*. Vãmente se obstinou elle em negar a sua obra, seductora com effeito, mas de uma belleza, *que a avó não podia permittir á sua neta.* — *Luciola*, um primor pela riqueza e petulancia das fórmas; *Luciola*, a correcção de *Margarida Gauthier* de Dumas filho, continuou a ser considerada a filha mais formosa da sua imaginação. A *Diva* veiu por fim tirar a dúvida aos que a tivessem. Hoje corre de plano que estes dois romances são do conselheiro Alencar.

«Consideradas como obras de arte, *Luciola* e *Diva* são duas delicadas miniaturas, dois typos differentes de mulher. Uma conserva a pureza da alma no meio da corrupção do corpo; a outra é egualmente ciosa do immaterial e da fórma que o reveste. Ella é *Diva* porque é casta. Mas a imagem de ambas não se póde desprender do nosso pensamento: ellas ahi se gravam com profundas raizes, como tudo quanto é bello e virtuoso.»

V. *As minas de prata, romance.* Saíram os tomos I e II em 1862, impressos no Rio, typographia do *Diario*, no formato de 8.°, formando os numeros 3 e 5 da *Bibliotheca brasileira*, publicação periodica de que foi director o sr. Quintino Bocayuva. Como, porém, essa publicação ficasse suspensa com o n. 6, interrompida ficou egualmente a continuação do romance. O sr. Garnier emprehendeu depois uma segunda e completa edição, da qual se acham já publicados os tomos I a V, Rio de Janeiro, typographia de Quirino & Irmão, 1865-1866, no formato de 18.° maior.

A acção passa-se na Bahia, antiga capital do estado brasileiro, no começo do seculo XVII; e n'ella representam uma parte principal os jesuitas do collegio da mesma cidade. O illustre romancista continúa a sustentar n'esta sua composição o credito adquirido pelas anteriores.

VI. *O Rio de Janeiro — verso e reverso, comedia em dois actos.* Representada pela primeira vez no theatro do Gymnasio Dramatico em 28 de outubro de 1857, foi n'esse mesmo anno impressa no Rio, pela *Empreza Nacional do Diario*, em 8.° — Ha *segunda edição revista pelo auctor*, e publicada pelo sr. Garnier, Paris, 1864, 8.° — N'esta se omittiu a dedicatoria da primeira.

Simples miniatura, fina e elegante, collecção de episodios da vida commum, ligados todos a uma verdadeira idéa de poeta, esta estréia, annunciada e posta em scena sem o nome do auctor, obteve os applausos do publico, revelou-lhe a vocação dramatica, e serviu de prenuncio ás outras composições, que lhe grangearam uma reputação verdadeiramente solida.

VII. *O demonio familiar, comedia em quatro actos.* Representou-se no Gymnasio pela primeira vez a 5 de dezembro de 1857. Ha d'ella duas edições: a primeira impressa no Rio, typographia dos editores Soares & Irmão, 1858, em 8.° grande, com uma dedicatoria do auctor a sua magestade a imperatriz do Brasil. — *Segunda revista pelo auctor*, e publicada pelo sr. Garnier, Paris, 1864, em 8.° — Omittiu-se n'esta a dedicatoria.

É, no juizo dos criticos, uma composição excellente, no genero da que hoje se chama *alta comedia*, como estudo de costumes e de caracteres; um quadro da vida domestica da sociedade brasileira, ou uma pintura fiel das scenas intimas que se passam no interior das familias.

VIII. *As azas de um anjo, comedia em um prologo, quatro actos e epilogo.* Subiu á scena no Gymnasio Dramatico em junho de 1858, e foi mandada retirar por ordem da auctoridade policial á terceira representação. — Impressa no Rio de Janeiro por Soares & Irmão, 1860, 8.° grande. — *Segunda edição revista*, editor o sr. Garnier, Paris, 1865, em 8.°

Este drama, destinado se não a resolver, ao menos a formular a opinião do auctor sobre o problema da rehabilitação da mulher perdida, no tempo em que essa these se debatia com vigor no romance e no theatro, concitou os escrupulos de alguns animos timoratos, exacerbados talvez por certos falsos devotos para quem, na phrase de um nosso distinctissimo escriptor, *é maior crime escrever um beijo do que tomar cento.* D'ahi as accusações de immoralidade lançadas sobre as *Azas de um anjo*, que provocaram a sua prohibição. Seguiu-se uma larga discussão na imprensa periodica, encetada pelo auctor do drama em uma carta apologetica que, justamente estimulado, inseriu no *Diario* de 23 de junho de 1858, queixando-se dos caprichos e inexplicaveis melindres da censura. Esta carta anda tambem reproduzida na sua maxima parte á frente da primeira edição do referido drama. Na mesma folha saíram outros artigos de diversos moços escriptores, que todos acudiram pela honra e credito do seu collega.

IX. *A mãe, drama em quatro actos.* Foi representado no Gymnasio Dramatico em 1860. Não temos presente a primeira edição. A *segunda revista pelo auctor* foi publicada pelo sr. Garnier, Paris, 1865, em 8.°

Posto que o sr. Alencar tratasse n'este drama um assumpto frequentemente explorado pelos dramaturgos, isto é, uma mãe que se sacrifica por seu filho, póde, comtudo, tornar-se original, e é esta, na opinião dos criticos, a sua peça capital. Paixão, interesse, estudo profundo do coração humano, sobre tudo do coração materno, todas estas circunstancias se re-

mem para fazer do drama uma verdadeira creação, e a imagem augusta da maternidade.

Além das obras dramaticas já impressas e mencionadas, consta que mais duas comedias se representaram no corrente anno, a saber: *O que é o casamento?* e *O credito;* aquella no Atheneu Dramatico, esta no Gymnasio. Ambas foram recebidas com applauso do publico, e mui bem avaliadas pela imprensa periodica.

Diz-se ainda que conserva inéditas, e até agora não representadas, outras duas peças, *O jesuita* e *A expiação.*

X. *Iracema, romance, ou antes poema em prosa,* impresso em 1865, que ainda não podémos ver. Apenas o conhecemos por uma honrosa carta, que a respeito d'elle escreveu ao auctor o sr. dr. Luiz Francisco da Veiga, inserta no *Jornal do Commercio* de 5 de novembro de 1865, e por uma desenvolvida analyse que publicou o sr. Machado de Assis no *Diario do Rio* de 23 de janeiro d'este anno. O illustre critico vê n'esta recente producção do sr. Alencar «um modelo para o cultivo da verdadeira poesia americana, que ha de avigorar-se com escriptos de tão superior quilate.»

Como nos propozemos dar conta de tudo o que sabemos impresso do sr. Alencar, mencionaremos ainda:

XI. *Cartas sobre a «Confederação dos Tamoyos».* Insertas primeiro no *Diario* em 1856, e impressas depois em opusculo separado, no mesmo anno, em formato de 8.° grande.

Constituem estas oito cartas uma critica minuciosa por extremo, umas vezes bem fundamentada, outras severa e rigorosa em demasia, do festejado poema de que é auctor o sr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, tal como este apparecêra na sua primeira edição.

XII. *O marquez de Paraná; traços biographicos.* Publicado no *Diario*, e fez-se tambem tiragem separada, em um opusculo de 35 paginas no formato de 16.°, Rio de Janeiro, typographia do *Diario*, 1856.— É um tributo á memoria d'aquelle notavel estadista brasileiro, escripto sob as impressões dolorosas que geralmente causára o seu fallecimento.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

CIDADE DE COIMBRA

(Vid. pag. 297)

A *universidade* campeia, como dissemos, no ponto mais elevado da cidade. A pag. 321 do vol. IV podem ver os nossos leitores a historia d'este nosso primeiro estabelecimento scientifico, e juntamente a gravura, que representa a parte mais nobre das suas fachadas. Quanto ao observatorio astronomico, livraria, museu, aulas de philosophia e sciencias naturaes, e laboratorio chimico, acharão algumas noticias d'estes estabelecimentos e dos edificios respectivos, bem como as gravuras que os retratam, a pag. 305 do vol. VIII e pag. 17 d'este volume.

Além d'estes variados estabelecimentos de instrucção publica, e do seminario episcopal, de que já fallámos, possue Coimbra, como capital de districto, um lyceu, onde se ensinam, além das diversas disciplinas exigidas como preparatorios para a matricula na universidade, as linguas allemã e hebraica, e tambem musica. O lyceu occupa o antigo edificio do *collegio das artes*, edificado no seculo XVI, junto do collegio dos jesuitas, para assento das aulas de dois collegios que então se reuniram sob a direcção da companhia de Jesus: um instituido por esta ordem no seu convento de Coimbra, intitulado das *Onze Mil Virgens*, e o outro fundado por el-rei D. João III na rua da Sophia, com o nome de *collegio das artes*, invocação que passou para o novo estabelecimento, e que ainda se conserva no edificio.

Das duas casas de educação, denominadas *collegio das ursulinas* e *collegio de S. Bento*, démos uma breve noticia, tratando dos edificios religiosos. E do *jardim botanico*, porque contâmos tratar com mais mindeza d'este importante estabelecimento scientifico em artigo especial, pouco diremos n'este logar. Pela área e magnificencia da construcção é o primeiro do paiz. Em relação ás plantas, attendendo por um lado á acquisição de muitas especies exoticas que recentemente tem feito, e por outro ao estado do *jardim botanico da Ajuda*, muito decaído ao presente do esplendor a que chegou nos principios d'este seculo pelos cuidados de Brotero, poder-se-ha dizer que o de Coimbra é tambem o principal estabelecimento d'este genero em Portugal. Foi fundado no reinado de D. Maria I sob a direcção, primeiramente de Domingos Vandelli, e depois do dr. Felix de Avelar Brotero. Está situado em a extremidade de léste da cidade, a pouca distancia do Mondego, e em terreno muito mais elevado que a superficie do rio. Os porticos de entrada, a gradaria que o separa do caminho publico, as balaustradas de cantaria que orlam algumas das suas ruas, as fontes que o aformoseiam, e a bella estufa, ultimamente construida de ferro e vidro, são obras grandiosas.

Antigamente este jardim era frequentado quasi exclusivamente pelos estudantes e corpo cathedratico; porém ao presente é muito concorrido das familias da cidade, principalmente nos domingos e dias santos.

O *paço episcopal*, fundado pelo bispo D. Miguel, 1.° do nome, que falleceu em 1180, reinando D. Affonso Henriques, apesar de ser reconstruido *à fundamentis* no principio do seculo XVII pelo bispo D. Affonso de Castello-Branco, um dos prelados conimbricenses que mais largamente dispendeu em obras sumptuosas; apesar d'isso, dizemos, é um edificio destituido de graça e nobreza. Está edificado a mais de meia encosta do monte por onde sobe a cidade, o que lhe proporciona dilatadas e agradaveis vistas. Fica proximo da egreja parochial de *S. João de Almedina.*

A *casa da camara*, a *administração do concelho*, o *correio*, a *direcção das obras publicas*, a *roda dos expostos*, e outras repartições publicas, e tambem a *cadeia*, occupam diversas partes do vasto mosteiro de Santa Cruz. O *tribunal de justiça* foi estabelecido no edificio que foi egreja do extincto collegio da Trindade.

Não tem Coimbra fontes publicas que se recommendem por bellezas de architectura, mas tem um bom *aqueducto*, que fornece de agua o bairro alto da cidade, onde entra, junto ao jardim botanico, sobre vinte e um arcos de bastante altura, sendo o principal, que é todo de cantaria, coroado por um pavilhão, debaixo do qual avultam as estatuas de *S. Sebastião* e *S. Roque.*

Este aqueducto traz a agua de distancia de um kilometro, pouco mais ou menos. Foi mandado edificar por el-rei D. Sebastião no anno de 1570, tirando ao mosteiro de Santa Cruz quatro fontes de excellente agua, que n'elle introduziu, do que resultaram grandes questões e contendas com os conegos do dito mosteiro, que chegaram a levar as suas queixas perante o papa, porém sem conseguirem coisa alguma. Teve o aqueducto por architecto a Filippe Tersio, italiano, o mesmo que delineou e dirigiu as obras do grande aqueducto de Villa do Conde. O bairro baixo da cidade abastece-se, pela maior parte, da agua do Mondego, tirada junto do caes, ou por infiltração do meio das covas que se abrem para esse fim nas ilhotas ou bancos de areia que se formam no leito do rio.

Quanto a divertimentos publicos, ha dois theatros, o *Academico* e o de *S. Luiz*, e uma praça de toiros.

O *theatro Academico* foi fundado no antigo edificio do extincto collegio de S. Paulo, na rua Larga, pelos estudantes da universidade reunidos em associação. Está construido e ornamentado com decencia. Commummente representam n'elle os estudantes em certas epochas do anno. Porém ás vezes, como na actualidade, dão alli representações publicas companhias de actores idas de Lisboa ou de outras cidades. Tem sido honrado o seu palco por diversos artistas de grande nomeada, nacionaes e estrangeiros, contando-se entre os ultimos a celebre tragica Ristori.

O *theatro de S. Luiz* foi fundado por uma sociedade no local da antiquissima, profanada e abandonada egreja de S. Christovão, cujo edificio datava do anno 1110, e se achava muito damnificado, tendo sido transferida a parochia, que ahi fôra instituida, para a egreja da sé velha no ultimo quartel do seculo passado. Era um monumento de antiguidade, muito parecido na sua architectura exterior com a sé velha, e que por mais de um titulo devia ser respeitado e conservado.

Deu-se principio ao theatro em 1860, e inaugurou-se passado um anno.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

MOLETA

Publicámos hoje a segunda gravura, que promettemos a pag. 309. Nada podêmos dizer ácerca da origem da moleta, porque a desconhecemos, nem sabemos de relação ou noticia maritima que nol-a indique. Parece que o nome lhe veiu de ser embarcação pesada ou ronceira, mas ignorâmos em que se fundam os que dizem isto.



Moleta

A moleta é um barco geralmente construido no Barreiro e Seixal, onde ha operarios que se dedicam a estas construcções especiaes de preferencia a outras, já pelo local, já pela affluencia do trabalho, e já porque os individuos que tripulam taes embarcações são pela maior parte oriundos d'aquellas villas.

A armação da moleta é latina, e a sua lotação não excede a das fragatas, que ora se destinam quasi exclusivamente á carga e descarga dos navios no Tejo. Estas embarcações são tripuladas por companha de seis, dez, doze e dezeseis homens, conforme a qualidade da pesca a que se destinam, e o tamanho, porque as ha maiores e menores.

A moleta, como barco de pesca, estava sujeita á vigilancia da antiga administração geral do pescado, mas pela nova lei das alfandegas do reino, que supprimiu aquella administração, tem matricula na alfandega municipal de Lisboa.

Voltando á rasca, de que démos a estampa em o n. 39, diremos que estes barcos são construidos na Ericeira, na Figueira e em outros portos do norte, mas a maior parte sae dos estaleiros da Ericeira. Armam egualmente com velas latinas.

A lotação das rascas é de 100 toneladas, pouco mais ou menos, egual á dos hiates. São tripuladas geralmente por seis ou dez homens.

Como se destinam assim á carga como á pesca, quando se aventuram a este serviço carecem de mais pessoas a bordo, e augmentam por isso a tripulação ás vezes até dezeseis homens. Em navegação costeira, ou de cabotagem, o numero dos tripulantes não excede o que primeiro indicámos.

Desejavamos dar aqui a estatistica das rascas empregadas na cabotagem, mas ser-nos-hia preciso recorrer ás diversas intendencias de marinha de Lisboa, Porto, Faro e Açores, e n'isso consumiriamos, porventura, muito tempo com pouco fructo. Cada rasca está matriculada no departamento maritimo a que pertence. As que vem matricular-se na intendencia da marinha de Lisboa pagam 750 réis por cada matricula.

Durante o anno de 1866 fizeram-se n'esta intendencia 58 matriculas, porém muitas d'ellas foram repetidas, porque houve rascas que se matricularam por diversas vezes.

Algumas rascas armam tambem em hiates.

Os homens que tripulam, assim as rascas como as moletas, são em geral robustos, de boa presença, alegres e corajosos. Se a instrucção d'elles se podesse

aquilatar pelos riscos e aventuras a que andam expostos, muitos dariam assumpto, em variadas conversações, para interessantissimas novellas maritimas. Conhecem muitos segredos do Oceano, mas não os referem, nem os sabem explicar. Não é raro, pois, ter-se noticia de que, apesar da experiencia, são victimas da sua temeridade, porque a vaga não respeitou os annos, nem a vida honrada e laboriosa, nem o baixel, nem a escassa fortuna, nem a angustiada familia d'estes pobres pescadores em dias de pavorosa tormenta!

E n'essas occasiões, os que tem a felicidade de salvar-se e são afastados da sua labutação pelos rigores do inverno, vem ás ruas de Lisboa dar o triste e commovente espectaculo de implorar, com as lagrimas nos olhos e a voz entrecortada, o obolo da caridade publica; e, digamol-o francamente, porque é verdade e honroso, ninguem sabe fechar a bolsa a taes desgraçados em tão grave circumstancia. B. A.

Economisa, para quando chegarem as necessidades ou a velhice, tudo quanto poderes; e lembra-te sempre de que o sol que nasce de manhã não dura o dia inteiro.

Um avaro não é bom para ninguem, mas é cruel comsigo.

UM ANJO NO PURGATORIO

(Vid. pag. 326)

VIII

O estio declinava rapidamente; as andorinhas iam juntando-se em bandos, e á tarde passavam a chilrar, como que despedindo-se dos campos. Julia principiava a sentir os effeitos d'aquella estação melancolica. A doença abatêra-lhe o corpo gracioso e delicado, como o vento torce e alquebra o vime flexivel. Sabía ella que o soffrimento seria curto, embora angustioso; apparelhára-se para a morte com serenidade egual á que conservára na vida. As almas puras são corajosas. Por que faziam as martyres empallidecer os algozes? Porque a fogueira, o circo, a tortura em todos os seus cambiantes horriveis, não conseguiam arrancar um suspiro d'aquelles seios, repletos de luz como o paraiso? A innocencia é um heroismo. Julia tinha esta heroicidade.

Uma só coisa havia em que ella a espaços scismava, e então escondia a cabeça entre as mãosinhas debeis, soluçando abafadamente: era se Pedro deixaria de vir, se ella teria de cerrar os olhos sem lhe dar o perdão no ultimo beijo. Os passeios no jardim foram de dia a dia tornando-se mais difficeis; dizia que o andar lhe dava canceira e que o vento lhe promovia a tosse. Ficava, portanto, em casa, olhando os arvoredos através dos vidros, e acompanhando com a vista os passarinhos que pareciam apostados a vaguear em torcicollos caprichosos.

Uma vez em que a fui visitar encontrei-a lendo n'aquelle album onde, a primeira vez que a vira, lhe escrevêra uns mal agoirados versos. Sorriu-se ao ver-me, e, apertando-me a mão demoradamente, disse-me já a custo:

— Estava a pensar n'estes versos; lembra-se quando m'os escreveu? Ainda não tinha casado. Por que foi propheta de desventuras? Acaso. Tenho tudo na memoria... quando o vi sair toquei-lhe no hombro e perguntei-lhe:

«A minha doce paz d'horas divinas
O que ha de ámanhã ser?...»

Ficou perplexo um momento, e depois respondeu-me: «A felicidade». Illudia-me. N'aquella hora o seu coração estava triste, não estava? Tenho pensado n'essa noite muitas vezes, sempre... e em que hei de eu pensar agora?... Quando se chega a este extremo, a gente senta-se e volve o olhar para o passado. O caminho a percorrer é aspero, e o que se deixou era florido!... Ai, meu amigo, meu amigo, tinha razão em avisar-me!

Depois levantou os olhos para o ceo, e poz-se a recitar passosinho:

«Quem sabe o que ha de ser? A estrella d'hoje
Póde extinguir-se, a pomba que além foge
Póde o seio rasgar;
Murcha-se o viço á candida magnolia,
Ai, quem sabe tambem se d'harpa eolia
Ha de o canto expirar!

«Immensa escuridão! Debalde o triste
Alonga o turvo olhar, e insiste, e insiste
Para entre as sombras ver...
Anjo d'amor, que em sonhos te reclinas,
A tua doce paz d'horas divinas
O que ha de ámanhã ser?»

Se alguma vez o orgulho conseguiu tomar-me, foi n'aquelle instante, sem dúvida. Que tinha eu a invejar? Os meus versos, perfumados pelo halito de Julia, resoavam-me no ouvido como um murmurio de gloria. Não sei se ha muito quem tenha assistido a este brando apagar da vida, a este suave esvaimento d'alma. Os vinte annos, como um arbustosinho, agarram-se á terra com toda a energia da vontade, com todo o poder da resistencia. Descrê-se do mundo, do futuro, da claridade, da alegria, de tudo o que é attracção, careio, enlêvo, prazer dos sentidos, arrobo do espirito, fascinação, contentamento, em fim, e não ha partir o laço que nos prende, o ferro que nos subjuga. Vem a morte, livida e fria como um rachador no inverno, e deita a mão ao corpo que se desfaz, á planta que amarelleja. Puxa, torce, aprofia na lucta, arranca as ultimas esperanças, desseca os ultimos ramos, abre em torno um fosso que é a cova, e desnuda as raizes que no escuro procuravam a seiva, o alento, o sangue de que havia de alimentar-se o tronco descambado. Concentra a morte em si as forças todas e emprega o derradeiro empuxo; as fibras mais subtis da planta, a extrema vitalidade, a raiz tenuissima resiste sempre, obstina-se no seu apêgo, e quando sae de todo é saudosa ainda d'essa terra que deixa, e de que em si traz memorias. Oh! ninguem foge d'este amplexo!

Julia estava como o arbusto; cada dia que passava era um filamento que se lhe esgarrava do mundo; tentava descobrir no ceo a luz que lhe devia ser norte, e os olhos ficavam-lhe involuntariamente cravados n'esses limos pobres e lodosos onde tinha visto soverterem-se os mais limpidos cristaes da sua vida.

— Por que hei de ter saudades do mundo? Quando a esperança desapparece em que havemos de pensar? Na morte, não é verdade? Pois eu tenho horror á morte, meu amigo, horror immenso, pueril, tudo que quizer chamar-lhe, ai, mas o que eu daria para que alguem me defendesse d'ella, para que lhe tomasse o passo, para que me fizesse viver muito, muito, n'esta dor que me tortura, n'este desespero que me rala. Oh! o mundo é tão bello, não é?... mesmo apesar das sombras, mesmo apesar dos desenganos. Cerra-se a noite, e as estrellas vem logo; quer-se ter saudades do sol, e o luar namora-nos. Demais, que lhe disse eu?... a esperança nunca morre. Tudo se perde, tudo se encontra; tudo se extingue, tudo é eterno. Temos hoje o desalento que prostra, ámanhã o sonho que

reanima. O senhor sabe melhor do que eu estas coisas. Soffro, e quero o soffrimento; sei que ha na morte o repoiso, e não quero a morte; prefiro os espinhos da terra aos lyrios do ceo... estou sacrilega! Será isto tresvario da febre, cegueira do coração, desespero da agonia?... Ai, Pedro, Pedro, que Deus te perdoe o mal que me fizeste, como eu te perdôo agora, Pedro!

E cobrindo o rosto com as mãos, ficou soluçando alguns instantes.

Uma tarde a mãe chamou-me de parte, e disse-me com as lagrimas nos olhos:

— Não lhe parece que seriam bons os Sacramentos?

— Para quê?

— Eu sei!... para não darmos pasto aos maldizentes, para nos não fazermos censurar. Além d'isso, o padre é um santo velho, ha de reanimal-a, ha de ter palavras de benção que nós não sabemos; deixe-o vir, deixe-o vir.

— Em que me posso eu oppor, minha senhora? Aconselho apenas. Demais, a crença de quem quer que seja é para mim um sacrario em que não ouso bulir. Deixe, comtudo, ver qual a disposição de sua filha, não nos precipitemos.

Dois dias depois era ella quem pedia os Sacramentos. Estava já no leito, abatida e sem forças para se levantar. A respiração tornára-se-lhe alterosa, e as faces haviam-se-lhe encovado profundamente. Tinha no rosto a transparencia da cera, e nos olhos a amortecida claridade das estrellas. Ainda era bella n'aquelle decaimento, n'aquella inanição, n'aquelle estado anemico. Transfigurára-se. O que era terreno e sensual tornára-se espiritual e celeste; olhando-a, pensava a gente em Deus e nos anjos, e cria estar vendo um d'elles. Os cabellos caiam-lhe soltos sobre os hombros e emmolduravam-lhe a fronte; tinha assomos d'essas *madonas* que Raphael entrevia nos extases beatificos da sua alma.

Eu estava lá sentado á cabeceira quando o padre entrou com o Viatico. O bom do homem vinha grave e contristado. Aquella cabeça encanecida, que tantas vezes se inclinára para ouvir a ultima palavra do moribundo, jámais se havia curvado sobre uma agonia tamanha, sobre uma virtude tão pura. As lagrimas que vira borbulhar d'aquelles olhos, eram das que os anjos recolhem nas suas urnas invisiveis, para depois as derramarem aos pés de Deus, recendentes e immaculadas. Quando o velho entrou, Julia pediu-me que a ajudasse a recostar-se nos travesseiros; agradeceu-me com um sorriso, e, pondo as mãos sobre o peito, balbuciou com um suspiro:

— Estou prompta, meu padre.

O velho aproximou-se do leito; todos nos ajoelhámos. O que havia de augusto e de solemne em tal acto nunca mais o encontrei, nunca mais o encontrarei na vida. O padre dizia em latim não sei que psalmos desconsoladores, e os que haviam rodeado a cama tinham as mãos postas e rezavam. Uma coisa sobre tudo me apertava o coração, ai! e por que não o direi?... uma coisa me fez rebentar as lagrimas: foi ver alli, de joelhos, com o olhar pasmado, com as mãosinhas cruzadas quasi sobre a boca, e como que vedando os soluços, as cinco criancinhas que dias antes vira no jardim, enchendo de rosas o regaço d'aquella santa.

Quando todos saíram fiquei só com ella. A mãe tinha ido fechar-se no seu quarto para a não affligir de queixumes.

— Estou agora melhor... a religião é um conforto. Não tornou a vir carta de Pedro? Queira Deus que os meus presentimentos não falhem. Repare, não me vê alegre, não lhe pareço mais satisfeita?... Ai! se soubesse o que me adivinha o coração!... Talvez, talvez; nem sempre se é desgraçado!

(Continúa) E. A. VIDAL.

MEYERBEER E O SEU TEMPO

(Vid. pag. 299)

II

Tem este livro excellente duas qualidades que importa desde já fazer sobresair a todas as mais. É a primeira dizer-nos quem foi a mãe de Meyerbeer e a qual das raças pertencia; circumstancia que influe poderosamente no caracter, nas tendencias e nas aspirações do homem, e que explica em grande parte, como teremos occasião de ver, as suas acções, os fructos do seu talento, e o papel que representou na vasta scena do mundo. É a segunda apresentar-nos Meyerbeer, não isolado e só, como elle de facto não viveu, mas cercado das pessoas com quem tratou durante muitos annos; os artistas e cantores, que deram vida ás suas obras, uns que já eram celebres, outros a quem elle fez o que foram depois, que, por assim dizer, creou, de quem recebeu conselhos proficuos e indicações felizes, as quaes porventura não teria colhido se os não tivesse encontrado no caminho venturoso da sua gloriosa existencia.

Só faltou descrever o *meio social*, isto é, o estado das circumstancias politicas, moraes e economicas, que existia no tempo em que elle veiu ao mundo, no anno de 1794, e que era indispensavel para se conhecer o movimento das idéas, o sentir e crer da epocha, o signo moral, porque assim digamos, sob que nasceu e se começou a formar e a desenvolver o futuro creador da opera moderna.

Teria com isto o elegante escriptor de *Meyerbeer e o seu tempo* cumprido fielmente, se me não engano, os preceitos principaes da nova eschola historica, que representam actualmente em França Michelet, E. Renan e H. Taine.

Sem de modo algum nos fazermos cargo de preencher essa lacuna importante, diremos, comtudo, muito de passagem, que um novo periodo de transformação social abria então uma área mais dilatada e ampla ao incessante desenvolvimento da actividade humana.

Haviam-se alluido até aos alicerces as velhas instituições. Parecia correr de uma a outra curva do horisonte um vento de destruição. Dir-se-hia que andava nos ares um prenuncio fatal de aniquilamento!

Foi então que baqueou por terra e desappareceu n'uma onda de sangue a antiga monarchia de França, que tivera força para subjugar o feudalismo e concentrar em suas mãos o immenso poder dos senhores, espalhado por toda a parte onde um castello elevado sobre o alto cume das montanhas indicava de longe a suzerania absoluta consagrada pelos seculos. Porque as mesmas causas que outr'ora lhe tinham dado energia e vigor se tinham agora convertido em outras forças, que reclamavam novas fórmas sociaes e novas instituições, obedecendo a essa lei de movimento constante e de transformação successiva, que faz e destroe os imperios, e é a lei da historia e o verdadeiro espirito das nações. E depois, um montão de cadaveres, a que estava sobreposta a estatua da liberdade, collocada sobre o altar da patria, era tudo o que n'aquelle paiz restava do antigo corpo social que o sibillar da tempestade esphacelára n'um momento.

Toda a Europa sentiu profundamente a repercussão d'esse cataclysmo social. A França estava toda entregue á grande obra de fundar a liberdade politica que um dia havia de chegar a todas as capitaes dos paizes circumvisinhos, e os povos não despregavam os olhos d'aquelle foco luminoso, vivificador de todas as idéas generosas. Tudo se ia reformar, melhorar e aperfeiçoar. A proclamação dos direitos do homem e da egualdade dos cidadãos perante a lei facultava uma esphera vastissima á livre iniciativa individual e ao

concurso de todos, que todos, sem distincção de privilegios, porque os não havia já, eram convocados a este congresso para resolverem de commum accordo o futuro dos destinos do mundo.

Retemperados os antigos elementos no cadinho da revolução, envidaram-se todos os esforços para os combinar de modo que os principios de justiça e liberdade, até ahi muitas vezes esquecidos e despresados, tomassem o logar que lhes competia na nova organisação das sociedades humanas.

Foi n'este periodo de reformação e aperfeiçoamento que nasceu Meyerbeer, e se foi desenvolvendo pouco a pouco o seu grande espirito. Alguns escriptores tem pretendido explicar o caracter principal dos poemas de lord Byron, tirando argumento da epocha de transformação a que acima alludimos, pouco depois da qual elle tambem nasceu. As suas obras são, na verdade, uma revolução permanente contra todos os preceitos da antiga poetica, cujos elementos o cantor de Harold e de Manfredo decompoz e recompoz a seu talante, combinando-os de modo que o espirito, livre das cadeias que o manietavam aos pés das aguias de Jupiter e ás rodas do carro ardente de Apollo, podesse manifestar-se e expandir-se livremente, exprimindo com fidelidade, não as regras de Aristoteles e de Horacio, mas a verdade da natureza e do coração humano, fonte perennal de poesia. Podêmos dizer que os poemas de Byron representam na esphera da arte o mesmo que aquelles acontecimentos representam na esphera social. O espirito de dúvida que o decimo oitavo seculo legára ao seculo dezenove, que lavrava então em todos os animos, e que Chateaubriand pretendeu combater escrevendo o *Genio do christianismo;* as luctas que agitavam profundamente a sociedade; os esforços para realisar a perfeição; as suas hesitações, as suas esperanças, de tudo isso se compõe essa poesia, que uns qualificam de sceptica, outros de absurda, mas que é, na verdade, deslumbrante e muito augusta poesia.

Caracteres similhantes saltam aos olhos se contemplarmos com serenidade o complexo das obras de Meyerbeer.

Começou por escrever uma oratoria intitulada *Deus e a natureza.* A este estudo seguiu-se uma obra dramatica. Depois, em Berlin, compoz a sua primeira opera, *Abimeleck*, que não teve no publico o acolhimento que era de esperar do estudo perseverante e dos talentos de Meyerbeer.

Em seguida a este desastre, o futuro auctor do *Propheta* e da *Africana* tomou pelo caminho de Italia, que antes d'elle, e com a mesma edade, haviam seguido Hændel, Hesse, Gluck e Mozart. Ouviu o *Tancredo*, de Rossini, que empunhava então n'aquelle formoso paiz o sceptro da melodia, e cingia na larga fronte a coroa da popularidade, e começou a escrever operas no gosto italiano: a *Romilda e Costanza*, a *Semiramide Riconosciuta*, a *Emma di Resburgo*, que foi phreneticamente applaudida, bem como *Margarita de Anjou*, o *Esule di Granata*, o *Almanzor* e o *Crociato in Egypto*, que assumia já as proporções de um primor de arte.

E quando á vista de tantas partituras, coroadas pelos applausos publicos, chegámos a persuadir-nos que o compositor allemão renegou a sua primitiva religião artistica, e se alistou para sempre entre os mestres italianos, eil-o outra vez voltado para a eschola da sua patria, até ahi inconsolavel de o haver perdido.

«Tive uma grande alegria sexta-feira passada, escreve Carlos Maria de Weber, auctor do *Freyschütz*, a seu irmão Godofredo. Meyerbeer veiu passar commigo um dia inteiro; deviam chiar-te os ouvidos. Foi, na verdade, um dia feliz, uma recordação dos dias venturosos em que vivemos juntos em Manheim. Quando nos separámos era alta noite. Meyerbeer vae a Trieste para ensaiar o seu *Crociato* [1]; dentro de um anno estará de volta a Berlin para escrever d'esta vez uma verdadeira opera allemã. Permitta Deus que elle cumpra a sua promessa! Pela minha parte, fallei-lhe em consciencia.»

Esta hesitação em seguir ora uma ora outra eschola traduz apparentemente a vasta aspiração com que elle anhelava trilhar uma nova senda, confusamente antevista nas horas da meditação e das longas vigilias. *Altiora peto* poderia ser a sua divisa. Já não eram bastantes as profundas harmonias da Allemanha e as suaves melodias da Italia. O grande poeta sonhava um novo mundo, cujos horisontes estavam muito para além de todos os até então conhecidos. Para lá o estava chamando esse não sei quê de intimo, impalpavel e incoercivel, que se denomina *predestinação!*

Para realisar este empenho empregava todos os esforços n'um trabalho sobrehumano, com desmedida ambição de gloria, extraordinaria constancia, e, sobre tudo, essa fé profunda do artista que acredita no poder das suas faculdades, e para quem o amor do bello está acima de todas as considerações humanas.

A fonte d'onde vinham estes raros dotes, que nem sempre são o condão do talento superior, é o que, muito melhor do que eu o poderia fazer, nos vae referir agora o sr. Blaze de Bury:

«É uma verdade, que, por não ser nova, nem por isso é menos profundamente exacta, ser a melhor parte da nossa valia intellectual e moral proveniente de nossas mães.

. . . .

«Meyerbeer teve ainda esta circunstancia em commum com as grandes intelligencias de todos os tempos. Sua mãe era uma mulher forte, uma judia de estatura tão magnifica como as da antiguidade. Queria-lhe muito, venerava-a. Se de Schiller, a sublime criança, dedicada anticipadamente aos loiros de Apollo, se disse que a musa Melpomene o contemplou, ao entrar na vida, pelos brandos olhos de sua mãe, não pensó que este facto se renovasse com Meyerbeer.

«Não foi uma musa, mas uma verdadeira mulher da Biblia, que desde o berço o viu pelos olhos de sua mãe. E a parte que se lhe deve nas obras de seu filho é facil de descobrir. Essa indomavel perseverança de caracter, essa firmeza de convicções, esse sentido religioso, austero a ponto de tocar no ascetismo dogmatico, que tão desenvolvido se nos mostra em certas paginas do *Roberto do Diabo*, dos *Huguenotes*, e sobre tudo do *Propheta*, a quem as deveu o grande artista senão á estranha pessoa que nunca deixou de confundir com o amor de seus filhos a idéa de Deus, do Deus de Abrahão e de Jacob? Conta-se que, durante os ultimos ensaios do *Roberto*, Meyerbeer recebeu de sua mãe uma carta com esta inscripção: *Para ser aberta depois da primeira representação do Roberto.* Apenas chegado a casa, na noite do triumpho, o filho rasga á pressa o sobrescripto e lê; é a benção biblica na magestade simples do seu texto: —«Deus te abençôe e proteja! Sobre ti incline a fronte e te seja propicio! Que Elle vele por ti e te dê paz!»— Por baixo d'estas linhas estava a assignatura de sua mãe.

. . . .

«Para as obras de um grande artista nada é perdido: os seus instinctos e sentimentos transformam-se muitas vezes sem que elle tenha consciencia d'isso. Essa idéa de veneração filial, já tão profundamente expressa no *Roberto do Diabo*... e que serve de motivo ao trio admiravel do desenlace, vêl-a-hemos desenvolver-se ainda mais, e viva, não já sómente aos olhos do espirito, mas chamar-se *Fidès* no *Propheta.*»

(Continúa) ALBERTO TELLES.

1 Esta opera não chegou a dar-se em Trieste. Foi á scena pela primeira vez em Veneza, a 26 de dezembro de 1825.